

---

# A IDENTIDADE CULTURAL ENGANJADA DE LIMA BARRETO

---

Carlos Magno Gomes<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo analisa como a identidade cultural está representada e articulada na ficção de Lima Barreto. Partindo da idéia do autor como um agrupamento de posições discursivas, faço um estudo das posições ideológicas de Lima Barreto nas crônicas *Bagatelas* e no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. O conceito de identidade cultural trabalhando nessa pesquisa passa pela questão de como a modernidade afeta ou desloca a identidade de resistência. A obra de Barreto retrata esse processo no início do Século XX, de forma inovadora, uma vez que ele se coloca fora da identidade hegemônica, mesmo assim sofre as conseqüências da modernização de sua época. O engajamento desse escritor é duplo, marcado pela luta de classes e pelo fim da segregação racial. Suas crônicas denunciam a opressão aos pobres e aos negros no processo de modernização vivido pelo Rio de Janeiro. Metodologicamente, faz-se uma leitura social do texto literário e aplica-se conceitos de autoria e identidade propostos por Michel Foucault e Stuart Hall, respectivamente.

## INTRODUÇÃO

Lima Barreto busca o tom de atualidade no fenômeno cultural que dividia com a ciência a hegemonia das convicções neste período – o jornalismo. O autor, eternamente às turras com o jornalismo suspeito do país, apenas o admitia tacitamente. (SEVCENKO, 1999, p. 167).

Em um país em que a identidade cultural nacional se confunde com festas populares e com o “jeitinho” brasileiro de levar vantagem, entrar em contato com produções artísticas que se opõem a essa falsa premissa nos vitaliza e impulsiona a continuarmos acreditando que a leitura é um ato social transformador. Um exemplo dessa identidade cultural de resistência está na obra de Afonso Henriques de Lima Barreto que abarca um vasto painel cultural da primeira fase do governo republicano. Sua posição ideológica contra uma consciência amena da história brasileira se destaca na produção literária brasileira do Século XX. A identificação cultural desse escritor nos surpreende por narrar uma nação das margens, dos excluídos. Daí a importância desse fora-do-lugar de Lima Barreto.

Seus textos apresentam o cotidiano do povo a partir de uma crítica cultural politizada própria de um intelectual consciente de seu papel social. A partir de seus textos literários e jornalísticos, identifica-se uma identidade cultural enganjada e preo-

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto de Teoria Literária do Campus Prof. Alberto Carvalho da UFS.

cupada em denunciar o preconceito racial e a exclusão social. Seu olhar observador e atento às mazelas do povo se faz presente nos retratos dos subúrbios deixados em seus textos ficcionais e, sobretudo, em suas crônicas. A partir da posição ideológica identificada na obra de Lima Barreto, pretende-se analisar as posições discursivas politizadas desse autor, observando como tais intervenções discursivas analisam as relações de poder nos campos jornalístico e político para se identificar o crítico cultural engajado nos seus escritos. Tal visão culturalista de Lima Barreto atualiza as tensões que envolvem a modernização da cidade do Rio de Janeiro sem soar tradicionalista nem hipócrita, pelo contrário, trata-se de um escritor consciente ideologicamente da opressão do estado.

A identidade cultural engajada tanto está presente em sua autoria ficcional quanto na jornalística, daí a idéia de que o literato e o jornalista se confundem nos seus escritos, sem haver uma fronteira precisa entre o artístico e o histórico, por isso esta pesquisa se volta para as diversas posições discursivas assumidas por Barreto. Conforme Michel Foucault “o autor exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos” (FOUCAULT, 2000, p. 44-5). Então, partindo da idéia do autor como um agrupamento de posições discursivas, este ensaio limita-se ao estudo das posições ideológicas de Lima Barreto nas crônicas *Bagatelas* e no romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

A idéia de exemplificar o papel de crítico cultural a partir das suas crônicas é possível pelo caráter mais jornalístico e histórico desse gênero textual. Nesses pequenos artigos, o autor se mostra mais mordaz contra o capitalismo e a segregação social. Sua visão de mundo é fruto de uma crítica séria e fundamentada em elementos históricos colhidos da experiência brasileira e das leituras de jornais estrangeiros. Para a fundamentação teórica desta leitura, usa-se uma metodologia baseada nas regras que o campo jornalístico impõe ao escritor até mesmo em seus atos e nas marcações textuais, pois a estrutura deste campo está presente em cada ato de produção (cf. BOURDIEU, 1996, p. 185). Este estudo de como o crítico cultural se constrói a partir da influência do campo jornalístico possibilita um novo olhar sobre o engajamento político de Lima Barreto. Cabe destacar a importante pesquisa de Nicolau Sevcenko que, em *Literatura como missão*, apresenta importantes dados históricos sobre o trabalho literário desse escritor como um homem atuante de seu tempo, sem prestígio e sem reconhecimento por parte de seus contemporâneos.

Um aspecto destacável é o fato de que, nos estudos acerca de Lima Barreto, a luta de classes fica sempre num segundo plano, uma vez que há uma insistência de se repetir uma leitura biográfica de sua obra. Mas, a partir da estreita ligação entre sua tessitura textual e o contexto cultural, tal postura crítica ganha novos ângulos, por

exemplo, o olhar irônico e o sarcástico pelo qual sua literatura articula a cultura da época. Para esta interpretação, considera-se que a construção artística também faz parte do contexto social. Na perspectiva de uma leitura social em que se destaca a relação entre linguagem e contexto cultural, a tarefa de identificar o crítico cultural na obra de Lima Barreto passa para o estudo de diferentes posições discursivas que o autor assume em seus escritos.

No plano da expressão, o estudo da cultura, da arte e da literatura relaciona os sistemas de signos de um contexto ao do conteúdo da obra, já que o que está fora do texto é também uma parte significativa do texto graficamente fixado. Assim, a condição de crítico cultural faz parte de suas obras, já que, do texto literário ao jornalístico, ele passeia pelos bastidores de um país em desenvolvimento com uma consciência esclarecedora dos efeitos da modernização e seu avassalador sistema de opressão e exclusão.

Nas crônicas, *Bagatelas*, Lima Barreto preocupa-se com a discriminação sofrida pelos pobres no Rio de Janeiro. Para ele, a modernidade é perversa uma vez que os problemas do país são tratados por um grupo com interesses específicos. Portanto, desse lugar de sua fala, destaca-se o crítico cultural resistente e consolidado a cada relato de luta para marcar seu espaço fora do campo: “a vida cara, enquanto os salários eram mais ou menos os mesmos anteriores. O descontentamento se fez e os pobres começaram a ver que, enquanto eles ficavam mais pobres, os ricos ficavam mais ricos” (BARRETO, 1956, p. 54). Como visto, essa crônica ataca o campo do poder e, nesse caso, o crítico cultural tem uma preocupação que vai além das questões estéticas. Com essa posição, a história passa ser um importante traço de sua literatura. Por exemplo, as lutas dos grevistas por melhores salários, as negociações sujas em torno da I Guerra Mundial e o loteamento do Rio de Janeiro formam as posições discursivas de um intelectual engajado que vai muito além do que lutar por um espaço no campo jornalístico. Barreto está sempre preocupado com questões de classe quando descreve os subúrbios cariocas, marcados pela desolação da pobreza. Com isso, seu projeto individual funda um espaço discursivo, no qual o sujeito escritor vai de encontro ao poder, no intuito de desmascará-lo e questioná-lo no interior de texto.

Assim como seu personagem Policarpo Quaresma, um apaixonado pelo Brasil, Barreto descreve a mediocridade daqueles que só elegiam como modelo de referência cultural o importado, sem haver uma contextualização estética. Para tanto, abomina as satisfações enganadoras dos vendedores de ilusão e o processo de repetir o modelo importado *ad infinitum*: “o brasileiro é um tipo que não pode se afastar do modelo. Em todas as suas manifestações tem de copiar... o livro de Beltrano é defeituoso, pois Anatole France nunca arquetetou um romance dessa maneira (BARRE-

TO, 1956, p. 298). Essa desconstrução do padrão europeu proposto pelas elites cariocas também é feita ao projeto de renovação da cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX. Para ele, essa renovação da arquitetura e da estética da cidade era a destruição do passado: “o bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamam a do convento” (BARRETO, 1956, p. 83). Além de se colocar como um crítico político, Barreto está atento ao processo de modernização imposto pela República com seus falsos discursos de vantagens estéticas e sociais para todos os cidadãos.

Por conseguinte, Lima Barreto sempre traz as marcas de uma preocupação com a luta pela cidadania e pela melhor condição de vida para o homem de sua época: “É preciso que os pobres façam-se doutores para contrabalançar a influência nefasta dos burgueses... que eles conseguem com disfarces, peloticas e mais habilidades de feira” (BARRETO, 1956, p. 50). Com essa posição discursiva engajada com as causas sociais, suas crônicas apresentam um sujeito social capaz de se envolver em diversas tensões estético-político-sociais sem perder seu ponto de referência, a exclusão do sistema de poder e da produção cultural. Tal conjuntura discursiva apresenta essa pluralidade de “eus” que funda um sujeito escritor dinâmico politicamente e marcado pela posição fora do campo. Observa-se que quando Barreto se mostra mais engajado com o social, sua escrita assume uma função mais pedagógica.

Como não tem compromisso com o campo jornalístico, o discurso de Barreto faz referência ao jornalismo como uma estrutura corrupta e, às vezes, superficial como descreve o protagonista de *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*: “A opinião salvou-o, e a cidade, agitada pela palavra do jornal, fez arruaças, pequenos motins e obrigou o Governo a demitir esta e aquela autoridade. E o Globo vendeu-se, vendeu-se, vendeu-se...” (BARRETO, 1978, p. 101). A falta de espaço para as idéias de Barreto nos grandes jornais da época, por exemplo, exemplifica o quanto ele não dava importância para a fama e o sucesso, pois exalta a falta de respeito com os mais pobres, e não coloca apenas seus interesses particulares no centro de sua literatura, pois dá “lugar a vários “eus”” como nos ensina a crítica pós-estruturalista para quem o autor assume “em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar” (FOUCAULT, 2000, p. 56).

Como visto, Lima Barreto apresenta uma oposição agressiva a um jornalismo de favores, daí sua posição crítica diferente das crenças do grupo social que detém o monopólio da produção cultural. Atacando esse campo, Barreto, em *Bagatelas*, mostra-se um grande crítico da imprensa brasileira da época, seu olhar descrever o campo jornalístico como uma fábrica de profissionais superficiais que seguem receitas prontas, daí a imagem da imprensa: “Ela é feita de desconhecimento total do que se passa

fora de sua roda, um pouco de política e da dos literatos, determinando esse desconhecimento um desprezo mal disfarçado pelas outras profissões, sobretudo as manuais, e pelo que pode haver de inteligência naqueles que as exercem” (BARRETO, 1956, p. 112).

Fora do jogo, Lima Barreto evita a posição ambígua muito comum a cronistas famosos e reconhecidos pelo campo do poder e do jornalismo como, por exemplo, João do Rio e Olavo Bilac, dois grandes cronistas cariocas do início do século XX. A posição ambígua é própria do intelectual que, apesar de ser beneficiado pelo poder político, também faz críticas à mediocridade da sociedade e dos políticos brasileiros. Enquanto a crítica cultural de Barreto não perdoa nem mesmo seus pares, vistos como “ingênuos”. Oposta ao estilo ambíguo está sua escrita “consciente” de seu papel engajado. Nesse sentido, seu ataque ao campo do poder o afasta do convívio com os políticos influentes na época, pois ele não atenua o cinismo das relações capitalistas: “ninguém vê que o Estado atual é o “dinheiro” e o “dinheiro” é a burguesia que açambarca, que fomenta guerras, que eleva vencimentos, para aumentar os impostos e empréstimos (BARRETO, 1956, p. 73).

Do mesmo modo que ataca o campo político, o jornalístico e o literário são desmascarados em sua ficção. Barreto expõe a fragilidade dos verdadeiros motivos que envolvem a publicação de um livro e se mostra, mais uma vez, contrário à crítica tendenciosa, com práticas suspeitas, por isso opta por não se descrever como um produtor de literatura: “não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação de o Globo, foi o bastante para não os amar, os imitar” (BARRETO, 1978, p. 78). Embora fora dos campos do jornalismo e da literatura, Barreto justifica sua escrita a partir de uma visão educacional e formadora de opinião e se opõe à literatura comercial, diretamente sujeita às expectativas do público e do mercado. Em contrapartida, com essa posição esclarecedora do que acontece nos bastidores da política e do jornalismo, Lima Barreto atrai muitos inimigos que o impedem de publicar nos melhores periódicos da época.

Ainda para respaldar esse crítico cultural, tornar-se fundamental registrar que nesse seu desencanto com a literatura, com a política e com a proposta de renovação do Rio de Janeiro, há um profundo admirador da memória cultural brasileira. Um homem à frente de seu tempo de das imposições ideológicas impostas. Por isso, esse autor critica a economia dos bens simbólicos de sua época para fundar uma nova posição politizada que vai contra as ideologias dominantes. Como já mostrado, a politização das várias posições discursivas do escritor faz parte do repertório do crítico cultural empenhado com as tensões sociais. Em tal pluralidade de posições discursivas

sivas, identifica-se sempre a recusa de uma modernidade hegemônica e fictícia inventada pelo governo republicano.

Apesar de muito incisivo em suas crônicas, o olhar mordaz sobre o jornalismo vai ser exercitado, principalmente, em sua ficção. O maior exemplo desse desnudamento e da decepção com o jornalismo está em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Nesse romance, ele destaca uma corrupção que está em todos os lugares da redação jornalística, que não dá espaço para um jornalista negro crescer profissionalmente. Esse romance está dividido em dois momentos, o narrador, o negro Isaías Caminha, perfaz o percurso de sua formação intelectual e de luta para conseguir um espaço de prestígio na sociedade brasileira do entre séculos XIX-XX. No entanto, Isaías só encontra portas fechadas para a realização do sonho de ser jornalista. Na segunda fase do livro, o funcionamento de um jornal está descrito com um olhar caricato, dando destaque aos defeitos e interesses particulares dos jornalistas. Tal universo corrupto é mais um espaço de decepção para Isaías. Além de tecer um painel histórico-social do Rio de Janeiro e da relação da República com os primeiros jornais cariocas, esse autor posiciona-se diante desse quadro com uma crítica desmoralizante.

Como identificado em seus textos, Lima Barreto foi um intelectual isolado em sua época, pois sofria com uma certa vigilância exercida pelos editores. Tal invisibilidade imposta pelo campo jornalístico pode ser explicada pelo modo com tal campo funcionava. Nesse sentido, tantos os textos literários como os jornalísticos de Lima Barreto projetam uma identidade cultural de um brasileiro consciente da opressão tanto de classe quanto étnica sofrida pelos brasileiros de sua época. Isso está presente na sua ficção de forma clara quando, ironicamente, denuncia as regras válidas para a publicação de um livro, que não precisava ter qualidade, mas sim um coeficiente de indicação: “ao receber-se um, lê-se-lhe o título e o nome do autor. Se é de autor consagrado e da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas” (BARRETO, 1978, p. 158).

Como visto, tanto na ficção como nas crônicas, Lima Barreto se coloca fora desse sistema que seleciona conforme o grau de amizade e de classe social. Assim, ele fica fadado a uma produção de poucos leitores, pois publica em pequenos jornais e banca a maior parte de seus primeiros romances. No entanto, Barreto constrói uma visão politizada da nação governada por um grupo que impõe seus valores e regras para proteção do campo econômico, como em: “o senhor não vê que a pátria não é mais do que a exploração de uma minoria, ligada entre si, estreitamente ligada, em virtude dessa mesma exploração, e que domina fazendo crer à massa que trabalha para a felicidade dela?” (BARRETO, 1978, p. 92). Essa consciência negativa do processo de modernidade chama atenção pelo vigor analítico que supera a idéia de otimismo patriótico. Lima Barreto, com isso, assume uma identidade crítica pessimista

que desvenda a complexidade das relações entre o campo jornalístico e campo econômico.

Ao mostrar a classe dominante com seu cinismo nacionalista e a degradação do homem a partir da espoliação econômica, Barreto firma uma identidade cultural preocupada em denunciar os principais males de uma sociedade preconceituosa e elitista: “Hoje, agora, depois não sei de quantos pontapés destes e outros mais brutais, sou outro, insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos” (BARRETO, 1978, p. 72). Mesmo sendo a voz de um personagem, Isaias, vale destacar o quanto metaforicamente essa posição discursiva se confunde com a história de Lima Barreto. A perversidade do campo jornalístico não só o afasta do exercício da profissão como também o priva de uma cidadania plena. De tal posição deslocada e neutralizada pelo poder, ele se esforça para fazer uma literatura autêntica e portadora de um papel pedagógico poucas vezes vista no Brasil. Por esse viés, sua literatura constrói-se como um veículo educacional para o povo, principalmente pela preocupação com uma linguagem mais simples, quase jornalística para a época, e com os temas do cotidiano.

O tom de descrença no campo literário, por exemplo, está presente na crônica “Uma simples nota”: “a literatura e os literatos devem tratar de outra cousa; e esse negócio de ‘prático’, deve ser atribuição dos banqueiros, dos negociantes, dos zangões da bolsa” (BARRETO, 1956, p. 248). Tomando por base a tripla exclusão sofrida pelo escritor nos campos: literário, jornalístico e político apontada nesta pesquisa, identifica-se na escrita de Lima Barreto uma função pedagógica próprio de um crítico cultural engajado que não se compromete com os grupos ideológicos que estão no poder. Como sugerido até aqui, Lima Barreto constrói-se como um crítico cultural de esquerda com uma identidade engajada, uma vez que as tensões de classe se sobrepõem às questões biográficas. Assim, Barreto projeta-se, como um criador autêntico do campo literário por meio dessa posição discursiva e da forma como os discursos são selecionados, pois “na forma textual se projetam as estruturas que o escritor, um agente social, traz em si no estado prático” (BOURDIEU, 1996, p. 128-9).

Portanto, com as leituras das crônicas de *Bagatelas*, observa-se que a criação de Lima Barreto vai além do biográfico ou de seu desejo de ser aceito pelos campos. Sua obra ultrapassa a fronteira do subjetivo e funda uma crítica cultural mordaz à República de sua época. Percebe-se que, sem fugir ou mascarar sua condição nos campos literário e jornalístico, Lima Barreto articula uma literatura politizada que faz de sua escrita instrumento e fim da ação. Nas posições discursivas de seus escritos, há o registro do papel social do escritor com uma missão cumprida a despeito de toda as contrariedades sociais de sua época (cf. SEVCENKO, 1999). Por isso, a identidade cultural desse escritor não pode ser dispensada para se melhor entender como a sociedade carioca funcionava no início do século XX. Isso porque as influências do

meio social foram incorporadas pelo escritor como posições discursivas que se complementam para apontar um outro ângulo da história.

No caso de Barreto, os problemas sociais esteticamente expostos na sua ficção se projetam de forma tão visceral que deixam de fazer parte do campo cultural para se tornarem parte de seu ato criador (cf. CANDIDO, 2000, p. 164). Com isso, o crítico cultural se confunde com o escritor engajado, que não aceita nem a arte pela arte, nem a complacência da arte social. Ele se volta para uma posição discursiva incômoda e reveladora de múltiplos processos de exclusões. O escritor Lima Barreto pode ser resgatado hoje como um dos mais autênticos críticos da história cultural do Brasil, por ter se mantido indiferente às exigências da moral dominante e ao não reconhecimento de nenhuma outra moral que não a de escrever acerca dos problemas da sociedade brasileira.

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

**BARRETO**, Lima. Bagatelas. São Paulo: Brasiliense, 1956.

**BARRETO**, Lima. Recordações do escrivão Isaiás Caminha. São Paulo: Brasiliense, 1978.

**BOURDIEU**, Pierre. As regras da arte. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

**CANDIDO**, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. 3<sup>a</sup> ed. . São Paulo: Ática, 2000.

**FOUCAULT**, Michel. O que é um autor. Lisboa: Edições 70. 2000.

**SEVCENKO**, Nicolau. Literatura como missão. São Paulo: Brasiliense, 1999.